

Peregrinação de Fernão Mendes Pinto

Aventuras extraordinárias
dum português no Oriente

Adaptação de
Aquilino Ribeiro



Estava na força da vida, não houve mal que me dobrasse. Tempos depois, via-me na corte de Bata como embaixador do capitão de Malaca; semanas adiante, o rei de Àru dava-me agasalho⁴ em sua casa e com ele passava revista às suas obras de guerra. Aqui me demorei mais tempo do que era minha intenção.

Cumprido, porém, o meu recado, que era trazer-lhe armas, pois andava de guerra acesa com o rei de Achem, nosso figadal⁵ inimigo, me despedi o mais cedo que pude.

Era quase sol-posto quando começámos a descer a remo aquele rio de Puneticão até à aldeola que lhe fica na foz, e se compõe dumas quinze a vinte choupanas⁶, todas elas de colmo⁷. A gente é muito pobre e vive da caça aos crocodilos, com os fígados dos quais fabrica uma peçonha⁸ como não há segunda por estas partes, porquanto as flechas envenenadas com ela causam morte certa.

Ao outro dia, mal amanheceu, fomos velejando ao longo da costa, soprados por ventos da terra, até que chegante à noite nos fizemos ao largo. E tínhamos já dobrado os ilhéus de Anchepisão, ainda no primeiro quarto, quando desabou sobre nós uma trovoadade de noroeste, destas que são frequentes nas paragens de Sumatra e nesta altura do ano. E tão repentina e desabrida foi que nos rompeu velas e mastro e abriu três rombos na embarcação, por onde a água entrou com tal ímpeto que, em menos dum credo, nos

⁴ Hospedagem.

⁵ Profundo.

⁶ Casas cobertas de ramos ou colmo; cabanas.

⁷ Palha utilizada para cobrir algumas cabanas.

⁸ Veneno.

88 embarque. Fazendo-lhes sinal de que éramos portugueses, amainaram logo os traquetes em prova de confiança. Dois deles, metendo-se num bote, vieram ter connosco. Havia entre os nossos quem os conhecesse e a bordo, falando dumas coisas e doutras, se demoraram bastante tempo.

Despachou António de Faria ao capitão do junco, que era o corsário Quiay Panjão — grande amigo dos portugueses, com trinta dos quais fazia corso por aqueles mares —, Cristóvão Borralho. Levava-lhe muitos cumprimentos e uma carta em que lhe fazia propostas de amizade. A resposta foi o próprio Quiay Panjão se dirigir, desvanecido, ao nosso junco, acompanhado de vinte portugueses e dum presente de âmbar, pérolas, peças de ouro e prata, que podia valer dois mil cruzados, para António de Faria. Recebeu-o o nosso capitão com mostras de muito regozijo e as maiores honras. De parte a parte se fez relato do que acontecera, naufrágios, combates, mortes, manifestando depois António de Faria o propósito que acarinhava de ir alistar gente a Liampó para dar investida às minas de Quo-anjaparu, donde contava voltar rico para o resto dos seus dias. Disse-lhe o corsário:



— Tenho mulher e filhos em Patane, mas estou com medo de me lá ir meter porque vim sem licença do rei, há de ele querer aproveitar a ocasião para me confiscar o que possuo, de modo que para lá não me convidem. Já fui rico, reveses como esses que acabas de contar me tornaram pobre. Estou pronto a acompanhar-te com os meus cem homens, as minhas quinze peças de artilharia, trinta arcabuzes, quarenta mosquetes, sob uma condição: a terça do que se tomar é para mim...

António de Faria aceitou e logo ali se lavrou ata do ajuste, assinando como testemunhas dez homens dos mais honrados. Juntos nos fomos, depois, ao rio Anay, cinco léguas adiante, onde nos abastecemos de tudo o que era mester a troco de cem cruzados que se deu de peita¹⁷³ ao mandarim.

¹⁷³ Suborno.

